



ENTRE A VOZ E A LETRA: POÉTICAS INDÍGENAS EM QUESTÃO

Ricardo Campos CASTRO
Angel Corbera MORI
Maria Andréia de Paula SILVA

ORGANIZADORES

O presente volume temático da revista **VERBO DE MINAS** traz um conjunto de sete artigos originais que abordam a literatura indígena, um tema que só recentemente vem interessando os pesquisadores das Universidades Brasileiras. Os capítulos abordam, desde uma narrativa tradicional do povo Tenetehára, coletada diretamente em trabalho de campo, até artigos de autores que analisam textos de literatura autóctone produzidos pelos próprios indígenas em língua portuguesa. Os artigos que compõe o volume ressaltam a importância das narrativas indígenas como meio de consolidar os processos de letramento nas sociedades originárias. Há que se lembrar que as narrativas orais dos diversos povos indígenas são um reflexo da sua própria realidade; em que seres humanos, deuses e animais convivem em um determinado espaço variado e fluido. O pensamento indígena emerge de uma relação harmoniosa com a natureza que os rodeia, e que se reflete no uso das palavras e seus respectivos significados. Nesse sentido, as narrativas permitem observar a forma peculiar e idiossincrática das culturas indígenas em conceber o mundo. Tudo isso, sem dúvida, é parte intrínseca das culturas indígenas.

Neste contexto, o capítulo de Ananda Machado, **Literaturas indígenas ancestrais e contemporâneas**: nosso entrelugar com os Wapichana em Roraima, traça uma breve revisão bibliográfica de obras produzidas por autores como Graça Graúna, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara. A autora considera a necessidade de se produzir livros nas línguas indígenas como forma de afiançar os processos de letramento nas escolas indígenas. Como conclusão, ela destaca o papel dos docentes universitários e dos coordenadores de projetos de extensão e pesquisa e extensão que desenvolvem projetos com as comunidades indígenas que se localizam na fronteira entre Brasil, Venezuela e República Cooperativa da Guiana.

Em seu artigo, **Espiritualidade e ancestralidade indígenas em *A cura da terra*, de Eliane Potiguara**, Carlos Augusto de Melo e Heliene Rosa da Costa investigam de que maneiras a espiritualidade e a ancestralidade indígenas estão experimentadas na narrativa infantil ***A Cura da Terra*** (2015) da escritora indígena brasileira Eliane Potiguara. Os autores verificam, nessa obra, a presença de uma cosmovisão étnica em que o olhar da mulher indígena engendra o processo composicional da escrita. Eles se utilizam de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e interpretativa para desenvolverem sua análise, objetivando a compreensão de aspectos a partir de vários textos teóricos de escritores indígenas e não indígenas.

Viviane Trindade e Graça Graúna, por sua vez, em ***A palavra habitada: a enunciação narrativa de um xamã em *A queda do céu**** tecem comentários muito relevantes em torno da publicação ***A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*** (Kopenawa e Albert, 2015). Na obra citada, Davi Kopenawa, indígena do povo Yanomami, narra sua trajetória de vida, inicialmente vivendo no mundo do homem branco e seu posterior retorno à sua sociedade originária para se tornar xamã de seu povo. As autoras do capítulo focalizam, sobretudo, os referências simbólicos utilizados por Davi Kopenawa em que ele delimita seu lugar de enunciação como membro de uma sociedade indígena.

No artigo **Territórios do saber e decolonização de identidades que atravessam fronteiras**: aproximações entre Chrystos e Marcia Wayne Kambeba, Fernanda Vieira e Clark Mangabeira destacam a importância de produções de narrativas indígenas e, especialmente, a importante atuação de escritoras indígenas. Os autores se propõem a desdobrar novas cartografias de pertencimento, hibridismo e outramento na escrita de Márcia Wayne Kambeba (Kambeba (2013)) por meio de poemas selecionados desta escritora indígena. Teoricamente, eles se utilizam de uma abordagem tanto comparatista quanto via estudos culturais e decoloniais.

Quesler Fagundes Camargos, Ricardo Campos Castro e Taywan Morais Clemente Guajajára, em seu capítulo ***Os Tenetehára e a festa da menina-moça***: os trajes tradicionais e seus significados, abordam a festa da menina-moça, uma das festas mais tradicionais desse povo originário que habita várias regiões no estado do Maranhão. Essa festa ocorre no momento da primeira menstruação da menina Guajajára, marcando o rito de passagem entre a infância e o começo da fase adulta

da adolescente indígena. Em seu artigo, os autores apresentam tanto os trajes tradicionais utilizados pela moça durante o ritual bem como os significados de cada tipo de adereço.

A partir dos conceitos de reconversão e diálogos interculturais, Silvely Brandes e Cloris Porto Torquato, no seu artigo **Percepções sobre a escrita na literatura indígena contemporânea**, discutem a literatura indígena a partir do conceito de reconversão, proposto por Garcia Canclini (2015). Os autores analisam trechos de obras literárias escritas por vários autores indígenas, visando considerar é qual o papel da escrita em língua portuguesa para os povos indígenas. Finalmente, eles defendem que a frequência da literatura indígena contemporânea deva ser ampliada para que as vozes indígenas sejam ouvidas e as respostas que estão sendo dadas pelos povos originários, via literatura, cheguem até os não indígenas.

Encerrando o volume, Maria Sílvia Martins, no artigo **Em defesa da literatura indígena**: a atenção à literatura tradicional dos cantos xamânicos e das narrativas primordiais, apresenta os resultados de sua pesquisa relacionada às narrativas Jurupari, Makunaíma e Kuwai, consideradas como parte tanto da Literatura Indígena como da Literatura Brasileira. A autora também chama a atenção para a necessidade de se abordar as narrativas míticas de forma a relacioná-las intimamente a outras artes verbais ameríndias com que formam um mesmo fenômeno cultural. Como resultado da pesquisa, ela aponta questões concernentes ao processo de tradução da literatura indígena para a língua portuguesa.

Em **Ideias para adiar o fim do mundo** (2019), Ailton Krenak propõe que, o Ano Internacional das Línguas Indígenas (*International Year of Indigenous languages – IYIL2019*) estabelecido pela UNESCO e seus parceiros ao longo de 2019, seja devotado a resistir ao projeto de criação de ausências, projeto a que, segundo ele, se dedicam aqueles que não são mais capazes de experimentar o prazer de viver. A iniciativa é urgente já que, com o extermínio de pessoas e o conseqüente desaparecimento das línguas, perdem-se não só a história e as tradições, mas também a memória a elas associadas, provocando uma grave lacuna na rica teia da diversidade. Então, como resistência, Krenak nos desafia a “contar mais uma história” (KRENAK, 2019, p.27). Esta edição da Revista Verbo de Minas, para a qual foram aceitos artigos que colocam em perspectiva as possibilidades de

compreensão do contar histórias, bem como examinam procedimentos estéticos, estratégias e intervenções artísticas que contribuem para o aprofundamento da reflexão sobre as poéticas ameríndias em suas diversas manifestações, pretende contribuir para ampliar a distância entre o céu e a terra.